

PROFISSÃO DE FÉ

“Vivendo entre o sublime e a barbárie, nossa opção tem que ser uma profissão de fé. Na ciência e na arte.”

Transcorria dezembro de 1967 quando Christiaan Barnard, cirurgião sul-africano, fez o primeiro transplante cardíaco. Pode ter sido por vaidade – aprendera a técnica na América – ou por irresponsabilidade. A maneira de lidar com a rejeição a tecidos era incipiente, mas o que mais importa era a tentativa de salvar uma vida, um código de honra humano. No mesmo dia, na mesma África do Sul, uma tribo canibal coseu e comeu um alheio ao seu território. Literalmente, o homem lobo do homem. Os sociólogos, sempre retardatários, explicaram que eram “contemporâneos, não coetâneos”. Ou seja, habitavam o mesmo tempo, mas com estádios civilizatórios diferentes.

Tomo esses dois fatos distintos do comportamento humano para destacar algumas nuances. No primeiro exemplo, insere-se a medicina, sempre voltada - assim é seu princípio - a tentar proteger, curar, controlar ou, pelo menos, consolar um corpo em desalinho, corroído pela doença ou trauma. O homem cuidando do homem e, para isso, baseado na ciência, na tecnologia e no amor ao próximo.

Ao invés disso, a inexistência do “bom selvagem” de Rousseau, que confundiu pensamento desejante com a realidade. O homem não é bom por natureza, com as exceções de praxe. É egoísta, autocentrado, conectado com a sua sobrevivência e vaidade por todos os meios, pois mais impiedosos ou violentos. No máximo, coopera com o grupo. Não são apenas os selvagens do exemplo. Tende a ser um traço da espécie que, quando evolui, dá seu melhor numa forma de “toma lá, dá cá”. Dá, para de alguma forma ser recompensado. Traduzida na síntese dada à luz por alguém muito humano, solidário, cordial e bom papo que foi Otto Lara Resende: “O ser humano é um saco de estrume ambulante, com direito a florir”.

A essa concentração de reflexão, tenho uma imagem que um querido amigo, médico e fotógrafo, certa vez me enviou. Uma linda flor saindo de um bueiro. E essa é a questão. Temperamento é destino, tem forte base genética, sendo sempre difícil inculcar o marco civilizatório nas pessoas. Em outros termos, a educação é sempre precária, e produzida em meio à contenção e à repressão. É dolorosa, mas possível, ainda mais por não sabermos das tendências de cada pessoa. É a eterna luta entre o que é herdado e o que é cultivado.

Não temos uma essência benigna, mas há sempre a possibilidade – e essa palavra é chave – de melhorar a vida de cada pessoa. É nessa possibilidade que a medicina se instaura, mesmo consciente da complexidade das sociedades e da natureza humana. E dou prova dessa possibilidade. Pessoalmente, já convivi com pessoas de tal maneira generosas, desprendidas, interessadas e tolerantes que foi uma dádiva vivenciá-las.

O organismo orchestra uma diversidade fantástica para se manter vivo, e a ciência médica procura entender esses mecanismos para harmonizá-la quando a orchestra desafina, independentemente de juízos morais. Ou seja, não importa a necessidade de fazer o bem, quando o mal parece generalizado. Importa o belo quando a doença desfigura. Importa a verdade quando necessitamos mudar o paradigma. Para isso, a medicina persegue variáveis que ignoramos para aflorá-las, para que a racionalidade impere e não se oculte. Por isso, a ciência é transparente, autorregulável, intransigente na busca da fraude. Sem compromisso com erros e sempre disposta às melhores provas. Em resumo, juntando evidências com a experiência. Pois não nos esqueçamos que a medicina também pode ser fútil, e temos que estar atentos. Não podemos jogar ao vento nossa tradição humanista, pois quando não houver mais nada a fazer, ainda assim podemos confortar; desde que não seja com o conforto da irresponsabilidade. O conforto que promete e não entrega. Porque confortar desesperados é fácil, difícil é entregar uma vereda de luz e equilíbrio, sem a amargura da impotência. Sim, sou cético, mas humanista, otimista nas possibilidades humanas que criaram a linguagem, a música, a ciência e, mais importante, o código de valores morais.

Gosto da clareza de propósitos quando agimos no organismo, e tenho esperança na resposta do mesmo. Sempre única, porque únicos somos. Daí a esperança do inesperado. Sem essa dádiva não suportaríamos o difícil exercício da profissão, nem teríamos fé para continuar a obtermos respostas. Vivendo entre o sublime e a barbárie, nossa opção tem que ser uma profissão de fé. Na ciência e na arte. Na capacidade de fazermos o melhor possível dentro de nossas circunstâncias. E também podem chamar isso de religião. Uma religião alargada e ilimitada. **■**